



## “POR QUE NÃO FLORES?” CHARLES FREDERICK HARTT E A BUSCA PELA BELEZA RUSKINIANA NA CERÂMICA MARAJOARA

Daniela Kern. UFRGS

**RESUMO:** Charles Frederick Hartt (1840-1878) descobriu a beleza da paisagem natural brasileira e a complexidade de sua cultura indígena pela primeira vez na década de 1860, quando participou da Expedição Thayer, conduzida pelo glaciologista suíço Louis Agassiz (1807-1873). Ao dar início, anos depois, ao estudo da cerâmica dos antigos “mound builders” amazônicos, os Marajoara, Hartt ficou encantado, mas também intrigado com a decoração da cerâmica marajoara. Como justificar essa beleza abstrata? Hartt, leitor das Pedras de Veneza, de John Ruskin, observando cada vez mais atentamente a ornamentação marajoara, deparou-se com uma questão complexa, claramente ruskiniana: por que essas mulheres indígenas, essas artistas talentosas, não representaram em sua cerâmica a beleza da Natureza? Seria o amor pela beleza natural uma característica apenas das “culturas civilizadas”? Essa questão, discutida na presente comunicação, era ainda mais pungente para Hartt, um cientista maravilhado pela exuberância da flora e da fauna brasileiras.

**Palavras-chave:** Charles Frederick Hartt. Cerâmica marajoara. Teoria do ornamento. Mulheres artistas indígenas. John Ruskin.

**ABSTRACT:** Charles Frederick Hartt (1840-1878) discovered the beauty of Brazilian natural landscape and the complexity of its Indian culture for the first time in the 1860s, when he has participated of the Thayer Expedition, conducted by the Swiss glaciologist Louis Agassiz (1807-1873). He began the study of the ceramics of the ancient Amazonian “mound builders”, the Marajoara. Hartt was enchanted, but also intrigued by the decoration of Marajoara ceramics. How to justify this abstract beauty? Hartt, reader of John Ruskin’s *Stones of Venice*, observing more and more acutely the Marajoara ornamentation, finds a perplexing question, clearly ruskinian: why these Indian women, these talented artists do not represented in their ceramics the beauty of Nature? Was the love of natural beauty a characteristic of civilized cultures only? This question, discussed at the present paper, is all the more pungent for Hartt, a scientist marveled with the exuberance of Brazilian flora and fauna.

**Key words:** Charles Frederick Hartt. Marajoara ceramics. Theory of ornament. Indian women artists. John Ruskin.

### **Introdução: A descoberta da cerâmica marajoara e a questão da beleza**

Muito poucas pessoas ouviram falar na cerâmica marajoara antes dos anos 1870. Alguns viajantes, durante suas viagens para a bacia do Amazonas, eventualmente encontravam alguns fragmentos de cerâmica. Mas antes das

expedições Morgan, conduzidas por Charles Frederick Hartt e seus assistentes à bacia amazônica entre 1870 e 1871, a antiga cultura marajoara era grandemente desconhecida fora dos limites de sua própria região. Charles Frederick Hartt (1840-1878), um geólogo e arqueólogo canadense, visitou o Brasil pela primeira vez na década de 1869 como um membro da Expedição Thayer, promovida pelo glaciologista suíço Louis Agassiz (1807-1873). Essa primeira expedição pretendia provar que a teoria darwinista sobre a evolução das espécies estava errada ao procurar, nas palavras de Freitas, “os efeitos dos glaciares no processo formativo do continente”.<sup>1</sup> Hartt viajou novamente ao Brasil, desta vez sozinho, a fim de prosseguir com suas pesquisas geológicas, entre 1867 e 1868, visitando muitas regiões brasileiras e publicando, como resultado de anos de investigação, o livro *Scientific Results of a Journey in Brazil and Geology and Physical Geography of Brazil* (1870), além de alguns artigos no *The American Naturalist*, então recém-criado. Não apenas as rochas brasileiras chamavam a atenção de Hartt, mas também a cultura indígena do Brasil, como podemos perceber em seu apaixonado artigo sobre os índios Botocudos. Nesse meio tempo Hartt perdeu a fé no criacionismo de Agassiz, adotando entusiasticamente o evolucionismo de Darwin. Sua situação profissional também era diferente no começo da década de 1870: novo professor de geologia na Cornell University, em Ithaca, Hartt contava com a assistência de alguns estudantes para as pesquisas que planejava realizar na bacia do Amazonas.

A “descoberta” da cerâmica marajoara, durante a Expedição Morgan, tornou-se possível graças a um brasileiro, Ferreira Penna. O próprio Hartt narrou, em *The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil*, outro artigo publicado no *The American Naturalist*, as circunstâncias de seus achados:

Desconheço que qualquer exame sistemático jamais tenha sido feito de qualquer um desses antigos locais de sepultamento amazônicos. No último verão, enquanto estava no Pará, o senhor Ferreira Penna, ex-Secretário da Província, e autor de um excelente livrinho sobre a parte ocidental da Província, chamou minha atenção para o fato da existência de cerâmica marajoara no Lago Arari. Estando impossibilitado de visitar a localidade pessoalmente, mandei um de meus assistentes, o sr. W. S. Barnard, para examiná-la. O sr. Barnard relata que os locais de sepultamento indígena eram bastante numerosos no centro da ilha.<sup>2</sup>

Hartt havia tido problemas de saúde durante a expedição, ficando então incapacitado para explorar por conta própria os vestígios dos antigos *mound builders* marajoaras, primeiro indicados por Ferreira Penna. A pequena coleção de cerâmica marajoara formada por Barnard, seu assistente, na opinião de Hartt era realmente interessante. Hartt tinha muitas razões para se interessar por aquela virtualmente desconhecida cerâmica marajoara: as peças eram ornamentadas de modo sofisticado, às vezes com pintura, às vezes com incisões, e os padrões ornamentais, com a predominância de gregas e linhas retas, evocavam as artes decorativas encontradas nas antigas culturas europeias. Seu entusiasmo pelo novo tópico de pesquisa era evidente:

Tendo sido minha atenção chamada para o estudo da arte brasileira antiga, encontrei-me em um campo novo e extremamente interessante. É vasto e difícil de explorar, e eu era capaz de fazer apenas um leve reconhecimento, mas nele descobri minas de ouro, diamante e pérolas.<sup>3</sup>

Algumas características da cerâmica marajoara intrigavam Hartt, e despertaram sua curiosidade. Logo após o fim das Expedições Morgan ele começou a pesquisar e desenvolver suas próprias teorias sobre a cerâmica marajoara, no que diz respeito tanto a seu processo de manufatura quanto a sua ornamentação. Em seu *Preliminary report of the Morgan expeditions*, publicado em 1874, Hartt já destacava a tradicional relação entre a manufatura de cerâmica, as mulheres e as artes decorativas:

Como resultado de longa pesquisa, devo mostrar que a manufatura de cerâmica, sendo um ramo das artes culinárias, cai naturalmente, em toda a parte entre tribos selvagens, nas mãos das mulheres, um fato de muita importância, devido à íntima conexão entre a manufatura de cerâmica e o crescimento da arte decorativa.<sup>4</sup>

No que diz respeito agora à ornamentação cerâmica, em 1873, pouco antes da publicação do *Preliminary report*, Hartt apresentou em Albany, Nova York, no primeiro esboço de sua conferência intitulada *Evolution in ornament*, a hipótese de que “nenhum povo rude jamais começa pela imitação de objetos naturais, como folhas, flores, etc.”<sup>5</sup>

Em ambos os temas Hartt demonstra seu interesse pela identificação e compreensão da beleza, de suas leis, do modo como é percebida entre “civilizados”

e “selvagens”. Vou procurar esclarecer, brevemente, o modo como Hartt levou adiante seu intento em seus artigos sobre cerâmica marajoara.

### **Mulheres indígenas e civilizadas apaixonadas pelo ornamento**

Charles Hartt, procurando amparo para a análise de seus achados arqueológicos brasileiros, durante a década de 1870 mergulhou no estudo das teorias contemporâneas sobre o ornamento. Simpático à valorização do papel da mulher na sociedade, ele mesmo um antigo professor do Vassar College, o famoso colégio para mulheres em Nova York, e casado com Lucie, que tinha carreira independente como professora e que havia publicado um artigo científico no *The American Naturalist*, Hartt, percebendo que a arte cerâmica era tradicionalmente praticada por mulheres indígenas na Amazônia, tendia a “atribuir o esforço constante de ornamentação dos artigos produzidos ao gosto e gênio naturais para a beleza possuídos pela mente feminina, que leva a tentar desenvolver algo elegante e atrativo em seu humilde trabalho manual”.<sup>6</sup> Na conferência *Beginnings of art, or evolution in ornament*, apresentada por ele no ano anterior, Hartt destaca que não apenas a mulher indígena amazônica, mas também outras mulheres de outras culturas tradicionalmente praticavam a arte da cerâmica: “em tribos na África, e também entre os Papuanos e os Fijianos, a mulher é a artista ceramista. Llewellyn Jewett pensa que as urnas funerárias celtas eram feitas e ornamentadas por mulheres”.<sup>7</sup> Por um lado seriam levadas a essa atividade por seu “gosto natural” e seu “gênio para a beleza”, por outro lado parece, diz ele, que há entre as mulheres um desejo intencional de aprimorar seu entorno através da criação consciente de beleza. Hartt argumenta que a beleza é uma necessidade humana tão destacada na vida civilizada quanto na vida selvagem. Mas não se trata apenas de uma necessidade cultural. O objetivo de sua teoria é adotar o evolucionismo darwinista, mesclado à famosa fórmula de Spencer acerca da sobrevivência do mais apto como uma explicação para a necessidade humana de beleza. Contudo, ao invés de falar em “sobrevivência do mais apto”, Hartt irá se referir à “sobrevivência do mais belo” neste trecho seminal daquele que provavelmente é seu texto de maior impacto, *Evolution in ornament*.

A arte decorativa se desenvolveu através da constante tentativa de agradar ao olho por meio de formas mais e mais belas, e em obediência à lei da sobrevivência do mais belo ou do mais adaptado para agradar; pois formas

puras, bem construídas são persistentes, enquanto aquelas que são anormais, bizarras ou não adaptadas ao olho morrem.<sup>8</sup>

Linhas retas, ainda de acordo com a teoria de Hartt, são mais facilmente percebidas do que as curvas, e justamente por isso parecem indicar um estágio inicial de civilização. Mulheres ceramistas da misteriosa cultura marajoara representam, desse modo, um valioso exemplo da arte da ornamentação em seus primeiros estágios. Mulheres “selvagens” amam o ornamento, que aplicam não apenas a sua cerâmica, mas também a tudo o que tecem e costuram. Elas são, conforme as palavras de Hartt, “as primitivas artistas decorativas”.<sup>9</sup> Considerando o fato de que as mulheres não apenas na Amazônia, mas também na África se engajavam na arte cerâmica, Hartt conclui que “é verdade que o fato da arte cerâmica se encontrar em sua infância a limita às mulheres”.<sup>10</sup> Para que ocorra progresso na arte cerâmica, ela deve passar a ser praticada por homens, o que acontece quando essas culturas deixam o estado selvagem, ainda de acordo com Hartt.<sup>11</sup> De todo modo, Hartt formula a hipótese de que a decoração era, em sua origem, criada pelas mulheres, constituindo-se como marca de uma busca instintiva inicial por beleza.

Depois da discussão sobre o gosto pela ornamentação entre as mulheres “primitivas”, Hartt estabelece um quadro similar em relação às mulheres “civilizadas”: se o ornamento era, em sua época, valorizado, isso se devia à influência das mulheres. Mais uma vez Hartt está em dúvida entre natureza e cultura quando se trata de identificar as razões para tal interesse pela ornamentação, recorrendo a argumentos próximos àqueles empregados em relação às mulheres artistas ditas “selvagens”:

Não sei se sua maior susceptibilidade à influência das formas da arte decorativa brota da maior delicadeza de sua organização física ou se, o que talvez seja mais provável, ela se deve ao desejo de uma vida completamente diferente daquela vivida pelo homem.<sup>12</sup>

Mulheres, tanto por sua natureza quanto por sua inclinação socialmente consolidada, “cobrem tudo com ornamentos”, a senhora bordando gregas e volutas, a índia amazônica decorando, com um espinho, a superfície de um vaso. Hartt

conclui sua apresentação com uma interpretação idílica dessa comunhão decorativa atemporal: "é como se ambas cantassem a mesma simples canção".<sup>13</sup>

A associação feita por Hartt entre mulheres, busca por beleza e ornamentação era comum em sua época. De acordo com Steiner, era corrente no século XIX a ideia de que as mulheres usavam ornamentos e de que eram, elas mesmas, o adorno do lar, de que admiravam a beleza sem utilidade, que apelava aos sentidos, e também de que lutavam para agradar socialmente.<sup>14</sup> Hartt dá às mulheres "primitivas" a primazia no desenvolvimento inicial da ornamentação, e destaca a importância social da busca pela beleza através da ornamentação encabeçada pelas mulheres "civilizadas". Dentro do mesmo universo de argumentos se move um contemporâneo de Hartt, Akers, que publicou no *The Atlantic Monthly* um curioso artigo que antecipa a crítica ao ornamento que se poderia ver, mais tarde, em Loos:

Lemos, em certos tipos de jornais, relatos sobre trajes de baile com imensos valores agregados. As extraordinárias exigências da moda levam a desvios grotescos dos limites da natureza; e saúde, conforto e beleza são sacrificados em nome do amor à exibição. O reverso do quadro, quando a mania pelo ornamento é vista nas roupas das classes mais humildes, é ainda mais triste; os pobres atavios da mulher trabalhadora carregam um *pathos* que desarma a crítica.<sup>15</sup>

Se a busca pela beleza exterior através da ornamentação é aceita e justificada por Hartt, já havia sido criticada por Akers, que também estava pronto a confirmar a hipótese de Steiner quando identifica, de modo muito específico, a "mania pelo ornamento" como um fenômeno feminino.

### **Por que não flores? A ausência do mundo vegetal na cerâmica marajoara**

Mencionei anteriormente que Charles Hartt era um discípulo de Agassiz, que, por sua vez, teve aulas com John Henry Green (1791-1863), um estudioso da anatomia transcendental, que floresceu com o Romantismo. De acordo com Keyser,<sup>16</sup> ele, em sua análise das formas ideais, arquetípicas, que devem estar escondidas na natureza, considerava as linhas retas como expressão do inanimado e sem vida, e as linhas curvas, por outro lado, como uma expressão do orgânico e do vegetal. Outro aluno de Green, Richard Owen (1804-92), iria se tornar um importante representante da anatomia transcendental na Inglaterra.<sup>17</sup> Hartt foi por

ele recebido no British Museum em setembro de 1874, como nos diz Brenner, seu companheiro de viagem: “Deixamos Nova York rumo a Liverpool em setembro de 1874. [...] No British Museum encontramos o Professor Owen, que muito gentilmente nos recebeu, e na despedida disse: ‘Dificilmente imaginaria estar vivo para dar as boas vindas a jovens trabalhadores que tivessem voltado do Brasil’”.<sup>18</sup> Hartt havia tido contato com os princípios da anatomia transcendental, herdando teorias sobre linhas retas e curvas como aquela de Green, uma teoria que iria remodelar a fim de aplicá-la ao estudo da decoração da cerâmica marajoara.

Hartt herdou também a ideia de que o ideal máximo de beleza pode ser encontrado agora nas plantas e não no corpo humano.<sup>19</sup> Mesmo tendo Hartt adotado o darwinismo nos anos 1870, que iria destruir tal disciplina idealista, são visíveis os sinais de um conjunto de conceitos derivados da anatomia transcendental em sua análise das antiguidades brasileiras, tais como aqueles que acabamos de ver, as definições do significado das linhas retas e curvas e também a expectativa de que apenas uma sensibilidade desenvolvida estaria apta a apreciar a beleza da natureza.

Tentando amparar melhor sua pesquisa sobre as artes decorativas indígenas, Charles Hartt leu dois autores contemporâneos, adversários no campo da teoria do design, Owen Jones e John Ruskin. Ambos não negam a visão da natureza como criação divina, mas concebem de modos diferentes, no entanto, em que termos tal criação deve ser compreendida e representada. De acordo com Owen Jones, o designer deve seguir a lógica da natureza, suas leis, medidas e proporções a fim de estilizar os elementos representados, motivos baseados em plantas, por exemplo. Jones, um idealista aos olhos de Ruskin, iria incorporar em seu cânone ornamentos de povos “bárbaros”, caracterizados por um alto grau de estilização. Assim tem lugar em sua *Grammar of ornament*, como observou Keyser, “uma abertura do gosto europeu às formas de arte não-europeias”,<sup>20</sup> com a admissão de motivos árabes e tribais, entre outros. Ruskin, para quem a decoração deveria estar baseada na observação de todos os detalhes da natureza, com suas assimetrias e irregularidades, porque esse é o trabalho complexo do Criador, desaprovava, com igual energia, arte bárbara ou selvagem que não apresenta uma representação consistente da natureza em seus motivos decorativos. Como Schafter, Brett, Keyser, e mesmo Akers,<sup>21</sup> um contemporâneo de Hartt, Gombrich enfatiza a aversão de

Ruskin pelo que ele considerava como insensibilidade à beleza natural. Para Ruskin a arte hindu, por exemplo, “nunca representa um fato natural... Não irá desenhar um homem, mas um monstro de oito braços -; não irá desenhar uma flor, mas apenas uma espiral ou um zigue-zague”.<sup>22</sup>

Hartt por um lado, como Jones, irá procurar destacar a arte decorativa indígena e considerá-la digna de estudo, mas não pelas mesmas razões. Jones pensa que a arte “primitiva” é forte e pura, uma fonte vibrante de ideias ornamentais bem concebidas e de estilizações sofisticadas. Hartt, por outro lado, vê a arte ornamental marajoara, por exemplo, como um grau mais baixo na escala da beleza, que apenas cresce com o progresso da civilização. Neste estágio inicial da arte “primitiva” “os ornamentos estéticos não são derivados da natureza, são puramente estéticos e não têm sentido”.<sup>23</sup>

Hartt parece ter maior afinidade com Ruskin, como podemos observar quando faz a seguinte afirmação:

O selvagem não é sensível às belezas da natureza, e conseqüentemente não pode desenhá-las. D'Orbigny mostrou que na arte indígena da América não vemos representadas nem folhas, nem flores. É apenas o homem civilizado de alta cultura que aprecia a beleza da natureza, e quanto mais cultiva a si mesmo, mais passa a sentir a influência das formas naturais.<sup>24</sup>

Hartt sem dúvida pensa que a representação do reino vegetal nas artes decorativas é algo natural (como Ruskin, que atribui tamanha importância à arte da paisagem, por exemplo), e mais uma vez demonstra sua perplexidade diante da ausência de plantas na arte ornamental marajoara: “Nem uma folha, flor ou fruto é representado nos pratos dos antigos amazônicos seja em relevo, seja em uma superfície lisa. Parece estranho que em uma região na qual o reino vegetal oferece tantas formas belas a artista não tenha escolhido nenhuma delas para a ornamentação”.<sup>25</sup> A acentuada preocupação com a representação de motivos ornamentais parece tê-lo tornado incapaz de dar maior importância à estilização da figura humana, brevemente comentada por ele nos parágrafos finais da última versão de seu texto *Evolution in ornament*.<sup>26</sup>

## À guisa de conclusão

Charles Hartt faleceu precocemente em 1878, vítima, de acordo com alguns, de febre amarela ou, de acordo com Branner, seu discípulo, de um derrame causado pelo estresse de perder o emprego, e, portanto, a possibilidade de manter as pesquisas que conduzia como presidente da Comissão Geológica do Império, posição para a qual havia sido indicado em 1875. A obra de Hartt no Brasil foi esquecida por muitas décadas, e a pesquisa antropológica e arqueológica no país encontrou seu próprio caminho. Algumas questões colocadas por ele, no entanto, continuaram a ser repetidas: por que os índios brasileiros não seriam “sensíveis” à beleza natural? Maria Fenelon Costa<sup>27</sup> constatou outra vez a ausência de plantas nos desenhos espontâneos dos índios do Alto Xingu, coletados entre 1961 e 1971, e sugeriu que isso poderia estar relacionado à dificuldade de representação formal desse tema. Denise Schaan<sup>28</sup> nota, como Hartt já havia percebido, que são mulheres as ceramistas na Amazônia hoje. Lux Vidal,<sup>29</sup> finalmente, mostra que as mulheres Xikrin da Amazônia nunca representam um peixe de modo realista, mas sempre através dos padrões que aprendem quando são meninas, educação bastante diferente daquela recebida pelos meninos da tribo, que não seguem essas convenções para desenhar o mesmo animal. Hartt era um agudo observador da natureza e estava sintonizado com as discussões de sua época; era um desenhista talentoso que hesitou até o fim entre considerar a beleza uma construção natural ou cultural, predizendo, então, a instabilidade pela qual este conceito iria passar a partir do advento da arte moderna.

## NOTAS

<sup>1</sup> FREITAS, Marcus Vinícius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 40.

<sup>2</sup> HARTT, Charles Frederick. The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil. *The American Naturalist*, V, p. 260, 1871. É da autora a tradução para o português de todas as passagens que, no original, encontram-se em inglês.

<sup>3</sup> HARTT, Charles Frederick. A origem da arte ou a evolução da ornamentação. *Archivos do Museu Nacional*, VI p. 97-98, 1885.

<sup>4</sup> HARTT, Charles Frederick. Preliminary Report. In: \_\_\_\_\_. Preliminary Report of the Morgan Expeditions, 1870-71 – Report of a Reconnaissance of the Lower Tapajos. *Bulletin of the Cornell University (Science)*, 1, 1-2, 1874. p. 7.

<sup>5</sup> *Proceedings of the Lyceum of Natural History in the City of New York. Series II, January 6, 1873, to June 1, 1874*. New York: Published by the Society, 1874, p. 105-106.

<sup>6</sup> *Proceedings of the Lyceum of Natural History in the City of New York. Series II, January 6, 1873, to June 1, 1874*. New York: Published by the Society, 1874, p. 105.

<sup>7</sup> HARTT, Charles Frederick. Evolution in ornament. *The Popular Science Monthly*, VI, 1875. p. 275.

- <sup>8</sup> HARTT, Charles Frederick. Evolution in ornament. *The Popular Science Monthly*, VI, 1875. p. 275.
- <sup>9</sup> HARTT, Charles Frederick. Evolution in ornament. *The Popular Science Monthly*, VI, 1875. p. 275.
- <sup>10</sup> HARTT, Charles Frederick. Apontamentos sobre o fabrico da louça de barro entre os selvagens. *Archivos do Museu Nacional*, VI, 1885. p. 91-92.
- <sup>11</sup> HARTT, Charles Frederick. Apontamentos sobre o fabrico da louça de barro entre os selvagens. *Archivos do Museu Nacional*, VI, 1885. p. 93-94.
- <sup>12</sup> HARTT, Charles Frederick. Evolution in ornament. *The Popular Science Monthly*, VI, 1875. p. 275.
- <sup>13</sup> HARTT, Charles Frederick. Apontamentos sobre o fabrico da louça de barro entre os selvagens. *Archivos do Museu Nacional*, VI, 1885. p. 94.
- <sup>14</sup> STEINER, Wendy. *Venus in Exile. The Rejection of Beauty in 20<sup>th</sup>-Century Art*. Chicago: The University of Chicago Press, 2001, p. 57.
- <sup>15</sup> AKERS, Charles. Common Ornament. *The Atlantic Monthly. A Magazine of Literature, Science, Art and Politics* XXX, CLXXXII, 1872. p. 656.
- <sup>16</sup> KEYSER, Barbara Whitney. Ornament as Idea: indirect imitation of nature in the Design Reform Movement. *Journal of Design History* 11, 2, 1998. p. 132.
- <sup>17</sup> KEYSER, Barbara Whitney. Ornament as Idea: indirect imitation of nature in the Design Reform Movement. *Journal of Design History* 11, 2, 1998. p. 133.
- <sup>18</sup> BRANNER, J. C. Prof. Hartt in Brazil, *The Cornell Magazine* II, February 1890. p. 186.
- <sup>19</sup> KEYSER, Barbara Whitney. Ornament as Idea: indirect imitation of nature in the Design Reform Movement. *Journal of Design History* 11, 2, 1998. p. 127.
- <sup>20</sup> KEYSER, Barbara Whitney. Ornament as Idea: indirect imitation of nature in the Design Reform Movement. *Journal of Design History* 11, 2, 1998. p. 136.
- <sup>21</sup> Ver SCHAFTER, Debra. *The order of ornament, the structure of style*. Theoretical foundations of modern art and architecture. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003; BRETT, David. Design Reform and the Laws of Nature. *Design Issues* 11, 3, 1995, p. 37-49; KEYSER, op. cit.; AKERS, op. cit.
- <sup>22</sup> RUSKIN, John, XVI, p. 265, apud GOMBRICH, E. H. *The sense of order. A study in the psychology of decorative art*. London: Phaidon, 2002. p. 45.
- <sup>23</sup> HARTT, Charles Frederick. Apontamentos sobre o fabrico da louça de barro entre os selvagens. *Archivos do Museu Nacional*, VI, 1885. p. 96-97.
- <sup>24</sup> HARTT, Charles Frederick. Apontamentos sobre o fabrico da louça de barro entre os selvagens. *Archivos do Museu Nacional*, VI, 1885. p. 97.
- <sup>25</sup> HARTT, Charles Frederick. A origem da arte ou a evolução da ornamentação. *Archivos do Museu Nacional*, VI, p. 97-98, p. 107.
- <sup>26</sup> Ver HARTT, Charles Frederick. Apontamentos sobre o fabrico da louça de barro entre os selvagens. *Archivos do Museu Nacional*, VI, 1885. p. 108.
- <sup>27</sup> COSTA, Maria Heloisa Fénelon. *O mundo dos Mehinaku e suas representações visuais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988. p. 32.
- <sup>28</sup> SCHAAN, Denise Pahl. *Cultura marajoara*. São Paulo: Senac Nacional, 2009.
- <sup>29</sup> VIDAL, Lux. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In: VIDAL, Lux (ed.). *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel, Edusp, FAPESP, 1992. p. 185.

## REFERÊNCIAS

AKERS, Charles. Common Ornament. **The Atlantic Monthly**. A Magazine of Literature, Science, Art and Politics XXX, CLXXXII, p. 653-661, 1872.

BRANNER, J. C. Prof. Hartt in Brazil. **The Cornell Magazine**, vol. II. Ithaca, N.Y., February 1890.

BRETT, David. Design Reform and the Laws of Nature. **Design Issues** 11, 3, p. 37-49, 1995.

COSTA, Maria Heloisa Fénelon. **O mundo dos Mehinaku e suas representações visuais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

GOMBRICH, E. H. **The sense of order. A study in the psychology of decorative art**. London: Phaidon, 2002.

FREITAS, Marcus Vinícius de. **Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HARTT, Carlos Frederico. **A origem da arte ou a evolução da ornamentação.** Archivos do Museu Nacional, VI, p. 95-108, 1885.

\_\_\_\_\_. **A origem da arte ou evolução da ornamentação.** Revista da Exposição Anthropologica, p. 42-44, 1882.

\_\_\_\_\_. **Apontamentos sobre o fabrico da louça de barro entre os selvagens.** Archivos do Museu Nacional, VI, p. 63-94, 1885.

\_\_\_\_\_. Beginning of art, or evolution in ornament. In: **Proceedings of the University convocation, held at Albany.** Albany, NY: University of the State of New York, 1873. p. 143-152.

\_\_\_\_\_. Evolution in ornament. **The Popular Science Monthly**, VI, p. 266- 275, 1875.

\_\_\_\_\_. Preliminary Report. In: Preliminary Report of the Morgan Expeditions, 1870-71 – Report of a Reconnaissance of the Lower Tapajos. Bulletin of the Cornell University (Science)1, 1-2, p. 1-10, 1874.

\_\_\_\_\_. 'The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil'. **The American Naturalist V** (1871): 259-271.

JONES, Owen. **The grammar of ornament.** New York: DK Publishing, 2001.

KEYSER, Barbara Whitney. **Ornament as Idea: indirect imitation of nature in the Design Reform Movement.** Journal of Design History 11, 2, p. 127-144, 1998. *Proceedings of the Lyceum of Natural History in the City of New York. Series II (January 6, 1873, to June 1, 1874).* New York: Published by the Society, 1874. p. 104-106.

RUSKIN, John. 'The Stones of Venice'. In **The works of John Ruskin** v. 9, 10, 11, edited by E. T. Cook and Alexander; Wedderburn. London: George Allen; New York: Longmans, Green, and Co., 1903-1912.

SCHAAN, Denise Pahl. **Cultura marajoara.** São Paulo: Senac Nacional, 2009.

SCHAFTER, Debra. **The order of ornament, the structure of style.** Theoretical foundations of modern art and architecture. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

STEINER, Wendy. **Venus in Exile.** The Rejection of Beauty in 20<sup>th</sup>-Century Art. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

VIDAL, Lux. **A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté.** In: VIDAL, Lux (ed.). **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética.** São Paulo: Studio Nobel, Edusp, FAPESP, 1992. p. 143-185.

**Daniela Kern**

Professora Adjunta do PPGAV e do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. É líder do grupo de pesquisa CNPq *Arte e Historiografia*, editora da *Revista-Valise* e autora de *Paisagem Moderna: Baudelaire e Ruskin* (Sulina/PPGAV-UFRGS, 2010). Traduziu para o português, entre outras obras, *O sentido de ordem* (Bookman, 2012), de E. H. Gombrich.